



DEYSI CIOCCARI*

AS MINHAS HORAS COM CONY

Jornalista lembra o preparo e as 3 horas e 40 minutos de entrevista com Carlos Heitor Cony para seminário em SP

Como sempre acontece, todo início de semestre o professor Claudio Novaes Pinto Coelho organiza o que chamamos de “prévias” para o seminário anual do grupo de pesquisa Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo, da Faculdade Cásper Líbero (SP). Todo ano nos reunimos, meses antes, para discutir o tema do seminário e como iremos nos organizar. Em 2015, o tema do seminário era “Cultura e Espetáculo”. O assunto daquele momento era os 50 anos do Golpe Militar, completados em 2014.

Naquele momento eu terminava de ler “1964: o Golpe Midiático-civil-militar”, do professor Jurmir Machado da Silva e queria saber mais. Foi numa dessas reuniões do grupo de pesquisa que uma colega, Vivian Paixão, demonstrou dividir a mesma inquietação. Com a ajuda do professor Cláudio elaboramos um cronograma de pesquisa e organizamos uma lista com os princi-

pais autores do período da Ditadura Militar. Tanto se falava sobre as obras que eles haviam escrito, mas o que eles pensavam hoje? 50 anos depois? Também sentimos a necessidade de conversarmos com quem ainda se manifestava sobre o golpe. Quem ainda tocava na ferida. Foi dessa reunião que surgiram os nomes: Ferreira Gullar, Frei Betto, Alberto Dines, Jurmir Machado da Silva e Carlos Heitor Cony.

Não tínhamos ideia de como entrar em contato com todos. Mas os colegas jornalistas sempre se ajudam. Você conhece alguém numa redação, troca informações com outro e... percebe que existe uma teia de contatos que não falha nunca.

A entrevista com Carlos Heitor Cony foi a primeira. Liguei para um amigo fotógrafo da Folha de S.Paulo, que me passou o contato de uma amiga que conhecia a secretária do Cony. Era abril de 2015. Eu adoraria dizer que foi uma exaustiva troca de e-mails, mas não. Foi um e-mail direto para a “Flavia” dizendo que gostaríamos de ir ao Rio de Janeiro para conversar com ele. Ela simplesmente respondeu: “que dia?”

Foi nesse momento que a ficha começou a cair. Iríamos mesmo entrevistar o Cony? A partir daí releemos alguns livros. Monta-

mos um pequeno “Clube do livro do Cony”. Relíamos as obras, discutíamos e elaborávamos as perguntas.

No dia 11 de maio de 2015 chegamos ao Rio de Janeiro. Como jornalista, aquele momento era o ápice.

Antes do nosso encontro fomos à praia com o livro “O Ventre” e “O Ato e o Fato” em mãos. Revisávamos nossas perguntas, discutíamos, discordávamos... “agora não é hora para isso. Estamos a duas horas de encontrá-lo” argumentávamos. Mas a nossa sensação naquele momento era de que iríamos encarar uma banca de doutorado. De repente percebemos que estávamos de mãos vazias. Não tínhamos um presente para agradecer a gentileza. Saímos pelas ruas de Copacabana atrás de um presente. Eu queria dar um *brownie* para o Cony. “Quem não gosta de *brownie*?” Foi quando vimos uma floricultura com uma orquídea. “Quem não gosta de orquídea?”

Quando chegamos no apartamento do Cony aquele homem com aquele “baita” sorriso era nosso inquisidor de banca que tanto temíamos? Depois percebemos que Cony estava numa cadeira de rodas. Havia se machucado na Feira do Livro em Amsterdam, na Holanda. “Me descul-

pem por receber vocês assim, mas me machuquei feio lá”. E, completou: “Temos tempo, não se apressem”. Começou a tomar refrigerante sabor laranja e comer bolacha recheada. “Um vício”, disse ele.

Conversamos por três horas e 40 minutos. Fizemos todas as perguntas clássicas. “Final, o senhor é de esquerda ou direita?” “Não posso dizer que sou um ou outro porque me limita muito, então eu digo que sou anarquista. No fundo eu acho que não sou nada. Sou um homem como outro qualquer, que teve várias limitações, mas tenho a capacidade de juntar palavras e vou em frente. Politicamente, eu sou anarquista, sim”. Sobre o tão famoso editorial do Jornal da Manhã contra o então presidente João Goulart, Cony foi enfático: “Tirei um advérbio de modo, mudei umas vírgulas. Porque o pessoal da área me respeitava muito nesse ponto. Então, eu só tirei o advérbio de modo ‘maldosamente’. Primeiro que era uma repetição de um conceito anterior, depois que era um advérbio de modo”.

Sobre outro editorial polêmico, dessa vez em 2009, quando o jornal Folha de S.Paulo chamou a última ditadura brasileira de “ditabranda”, Cony afirmou que todos os veículos no

país são a expressão de grupos econômicos fortes e que a Folha não é diferente. Mas fez questão de ressaltar a liberdade que tem dentro do jornal. Disse que o editorial foi infeliz.

E, Cony nos presenteia com quase quatro horas de histórias sobre seu período como repórter no Jornal da Manhã, seu período na prisão, as ameaças contra suas filhas. Não fugiu de perguntas como “o senhor acha que vai acontecer o impeachment da presidente Dilma Rousseff?”

Nossa conversa terminou com uma revisão do autor sobre o autor: “Acho que escrevi demais. Me posicionei demais. Algumas vezes me arrependo porque minhas filhas foram ameaçadas”. E, depois de quase quatro horas, ainda pergunta: “Em que mais posso ser útil?”

Quando saímos, literalmente pulando pela Lagoa Rodrigo de Freitas senti uma fraqueza: “Não comi nada o dia inteiro”. “Mas afinal, quem precisa comer quando se entrevista Carlos Heitor Cony?”. Ninguém, senhoras e senhores. Ninguém.

(Todas as entrevistas estão disponíveis no e-book “Golpe de 64 e a crise de 2015: o que pensam os intelectuais brasileiros”)

* *Jornalista, doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP.*